

Atitudes e valores dos europeus: A perspectiva do género Elementos para uma análise transversal

Anália Torres* ; Rui Brites**; Rita Mendes*** e Tiago Lapa****

Introdução

Esta comunicação baseia-se nos dados do “European Social Survey”¹, um inquérito que tem como objectivo medir e interpretar as mudanças que ao longo do tempo ocorrem nas atitudes, percepções e padrões de comportamento dos europeus e a sua interacção com as transformações nas esferas económica, social e política. Este estudo, cuja aplicação se fará de dois em dois anos, conta com a participação de 30 países. A primeira vaga de inquéritos reporta-se a 2002/2003, estando disponível, até ao momento, informação respeitante a 20 países², que será objecto da nossa análise, numa perspectiva transversal centrada no género³.

Pretende-se com esta análise avaliar a existência de diferenças e semelhanças nas posições assumidas por homens e mulheres, percorrendo os grandes temas do questionário, como a exposição aos media, a política, a percepção subjectiva de bem-estar e da segurança e os valores humanos. Com efeito, embora se saiba que são muito mais significativas as diferenças intra-sexos do que as diferenças inter-sexos⁴, tende-se frequentemente a empolar as últimas. A perspectiva transversal permitirá avaliar melhor esta questão. Afinal, o que é que se verifica e o que é que prevalece: diferenças ou semelhanças?

Procede-se igualmente, através de uma Análise Categórica das Componentes Principais (CatPCA⁵), a uma análise comparativa entre países, com o objectivo de identificar a posição de Portugal no contexto europeu, no âmbito de cada uma das temáticas abordadas.

Vale a pena acentuar que se trata ainda de uma análise muito preliminar dos dados, já que os resultados para todos os países só recentemente ficaram disponíveis. Serve assim a presente comunicação como ponto de partida para análises mais finas e base de discussão aberta a sugestões e pistas de exploração mais detalhada dos dados.⁶

1. Exposição aos media

Como se sabe, o exercício da cidadania, e por extensão, a qualidade da democracia e o desenvolvimento das sociedades, estão directamente ligados à informação e, por consequência, à liberdade

* Socióloga, Presidente da APS-Associação Portuguesa de Sociologia, de 2002 a 2006; professora do ISCTE, Investigadora do CIES.

** Sociólogo, docente do ISCTE

*** Socióloga, mestranda do ISCTE

**** Finalista da licenciatura em Sociologia do ISCTE

¹ A equipa executiva nacional é composta por Jorge Vala (Coord.), Anália Torres e Alice Ramos. Manuel Villaverde Cabral e João Ferreira de Almeida, integram o Conselho Científico do ESS. Para a análise dos resultados do inquérito e aplicações subsequentes do mesmo, constituiu-se uma equipa no CIES/ISCTE, composta por Anália Torres (Coord.), Rui Brites, Rita Mendes e Tiago Lapa.

² Dinamarca; Bélgica; Itália; Alemanha; Luxemburgo; Eslovénia; Espanha; Finlândia; Grécia; Holanda; Hungria; Irlanda; Israel; Noruega; Polónia; Portugal; Reino Unido; República Checa; Suécia e Suíça.

³ É fundamental distinguir aqui entre *sexo*, variável observável e *género*, conceito. O último remete para a diferenciação das categorias sociais do masculino e do feminino, diferenciação social essa que, partindo das diferenças biológicas existentes entre homens e mulheres, se constitui como ideologia ou construção cultural que define, para contextos sociais específicos, os comportamentos e atitudes adequadas ao feminino e ao masculino. Cf. Anália Torres, *Sociologia do Casamento. A Família e a Questão feminina*, Oeiras, Celta Editora, 2001.

⁴ Amâncio, Lúcia (1994), *Masculino e Feminino, A construção Social da Diferença*, Porto, Edições Afrontamento; Kimmel, Michael (2000), *The Gendered Society*, Oxford, Oxford University Press

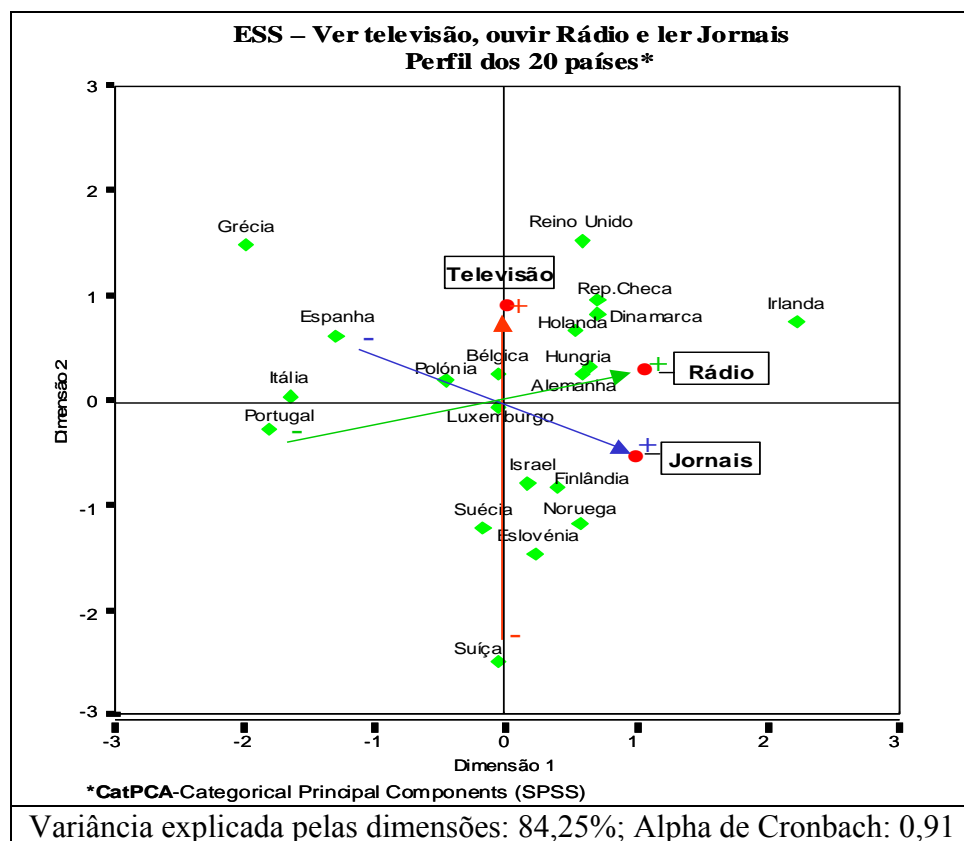
⁵ Disponível no SPSS®, versão 11.5.

⁶ Nota: todos os testes de significância estatística referidos no texto (sig.) reportam-se à diferença entre os sexos masculino e feminino e são interpretados para um intervalo de confiança de 95%.

de informação. Seria, por conseguinte, de esperar que nos países em análise, com democracias estabelecidas e sem restrições à difusão da informação, não se registassem grandes diferenças na exposição aos media. No entanto, a investigação no domínio da comunicação e informação tem revelado a existência do que alguns autores denominaram de “Gap Hypothesis”. Como nota Saperas⁷: “Quando a introdução da informação dos meios de comunicação de massas num sistema social aumente, as camadas da população com um *status* socioeconómico alto tendem a adquirir esta informação em maior escala do que os segmentos socioeconómicos baixos, pelo que o distanciamento entre estes segmentos tende a aumentar em vez de diminuir”. Ou seja, podemos falar aqui de um círculo virtuoso da informação em oposição a um círculo vicioso da falta de informação, cujo fosso persiste, apesar da ausência à restrição à informação. Teremos assim que os países mais desenvolvidos, económica e culturalmente, apresentam uma maior exposição aos media do que os menos desenvolvidos, mostrando os resultados que, no que se refere aos jornais, é na Europa do sul (Itália, Espanha, Portugal e Grécia) que se verificam menores tempos diários de leitura.

Relativamente à variável sexo, evidencia-se em todos os países um padrão idêntico entre os homens e mulheres no que se refere à televisão e à rádio, enquanto nos jornais são aqueles que dedicam mais tempo à sua leitura.

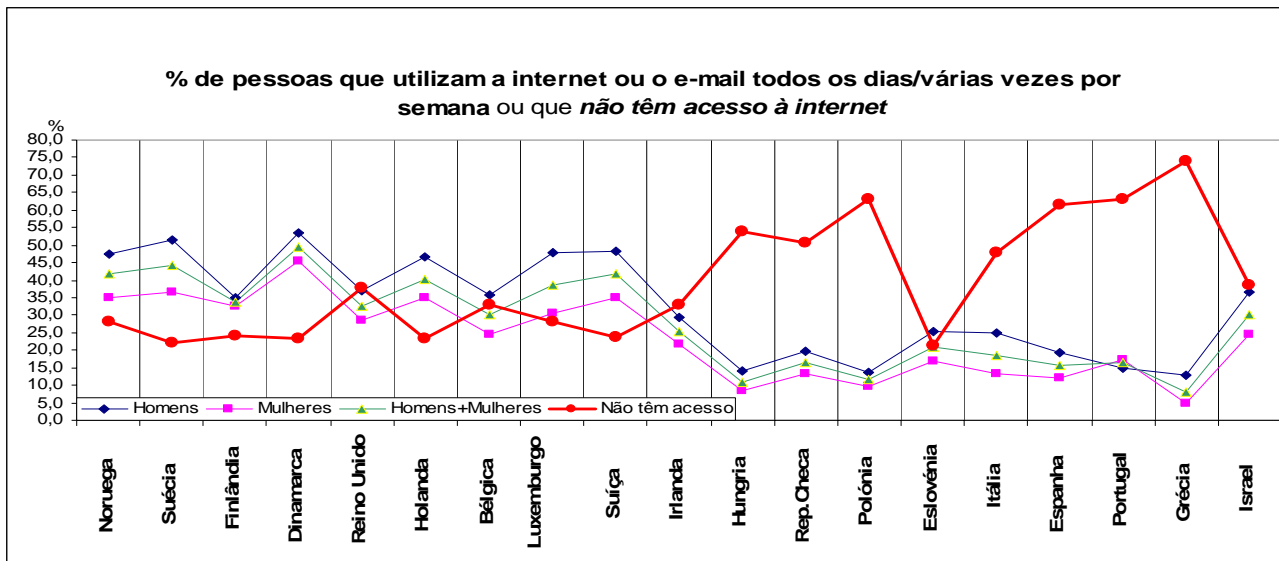
[FIGURA Nº 1]



Já no que se refere à *internet* (gráfico nº 1), que tem sido apresentada como o veículo por excelência da democratização do acesso à informação, os dados disponíveis mostram que o seu uso regular é, também, o mais baixo nos países da Europa do sul, que se destacam, igualmente, por apresentarem as maiores percentagens de indivíduos que não têm acesso a este meio. Situação que contribuirá sem dúvida, caso não seja corrigida, para um aprofundamento do *gap* já existente. Saliente-se que Portugal é o único país onde as mulheres superam, embora ligeiramente, os homens no uso da internet.

⁷ Cfr. SAPERAS, Enric (1993), *Os Efeitos Cognitivos da Comunicação de Massas*, Porto, Edições ASA,.

[Gráfico N° 1]

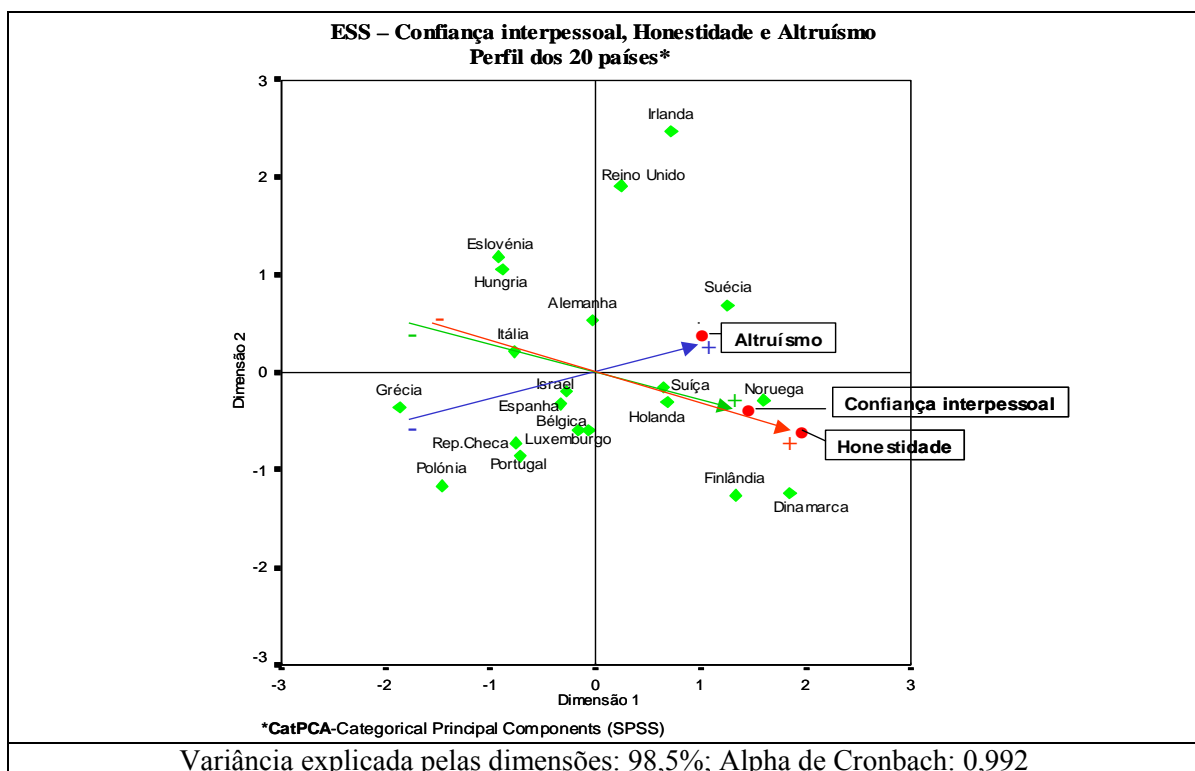


A análise conjunta dos 20 países face à exposição aos *media* (televisão, rádio, e leitura de jornais), permite observar que Portugal se encontra próximo da Itália e da Espanha, numa posição relativa caracterizada pela fraca exposição a estes *media*.

2. Confiança Social

No domínio da confiança social, o padrão entre homens e mulheres é idêntico nos três indicadores analisados: “confiança interpessoal”, “honestidade” e “altruísmo”. Os países da Europa do norte são os mais confiantes e altruístas, verificando-se o inverso nos quatro países da Europa do sul (Itália, Espanha, Portugal e Grécia). Na análise conjunta (figura 2), os países do alargamento e da Europa do sul, a par da Bélgica, Luxemburgo e Israel, são os que se encontram mais afastados, por oposição à Europa do Norte mais próxima, dos três atributos.

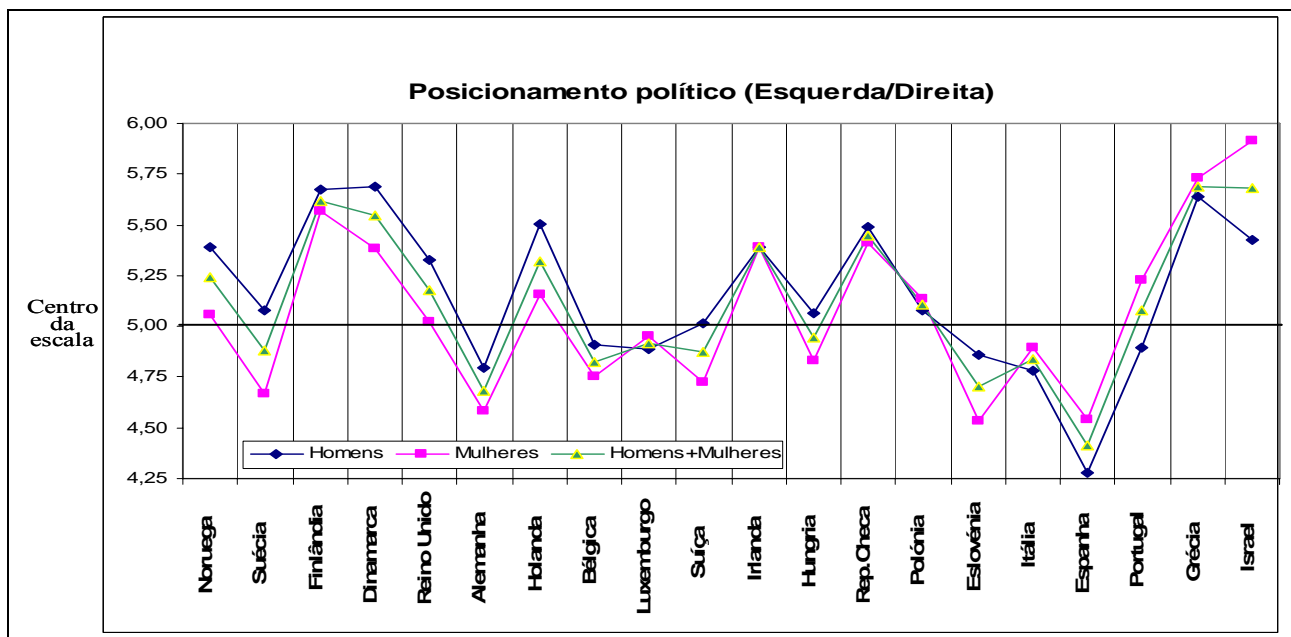
[Figura N° 2]



3. Política

No que se refere à posição política, verifica-se uma inversão do padrão esquerda/direita da Europa do norte, onde os homens são mais de direita, para a Europa do sul, onde são as mulheres que assumem mais essa posição. No entanto, se a Itália e a Espanha se encontram abaixo do centro da escala (esquerda), em Portugal, os homens estão ligeiramente abaixo (centro-esquerda) as mulheres estão ligeiramente acima (centro-direita). A Finlândia, a Dinamarca, a Grécia e Israel são os países que se encontram mais no centro-direita, enquanto a Espanha é a que mais se considera de centro-esquerda. O intervalo de variação da média deste indicador situa-se entre 4 e 6 numa escala que tem com extremos 0 (esquerda) e 10 (direita), indiciando, por conseguinte, que o padrão é o centro em todos os países (vide gráfico 2)⁸

[Gráfico N° 2]



Já no que se refere a indicadores *instrumentais* do comportamento político, são claras as diferenças entre homens e mulheres. Em todos os países são os homens que revelam mais interesse pela política e que mais consideram que poderiam participar num grupo dedicado a questões políticas. Ao invés, as mulheres referem, mais do que os homens, que acham a política complicada e que têm dificuldade em tomar uma posição acerca de questões políticas.

Saliente-se também que:

- o interesse pela política decresce da Europa do norte para a Europa do sul;
- apenas com excepção da Finlândia, achar que a política é uma coisa complicada, aumenta da Europa do norte para a Europa do sul;
- apenas na Dinamarca e na Grécia se registam valores acima do centro da escala, no que se refere à possibilidade de participação em grupos de natureza política⁹;
- a dificuldade em tomar posição política é mais elevada na Europa do sul.

Numa análise conjunta, a figura 3 mostra que os países que mais consideram que a política parece complicada se opõem aos países com maior interesse pela política e que os que têm mais dificuldade em

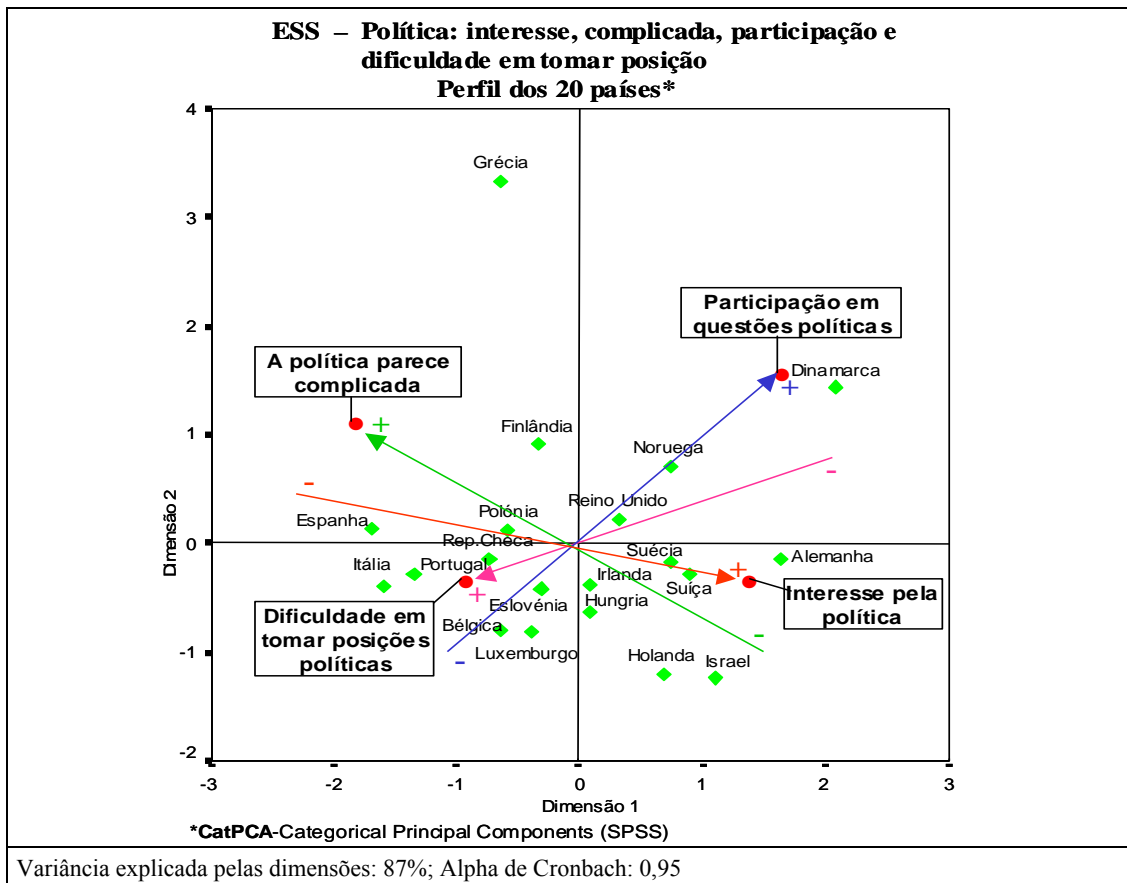
⁸ Este facto indicará, certamente, mais que uma uniformização em termos do espectro político, o efeito de “desejabilidade social” que caracteriza este indicador.

⁹ Este dado reflecte com clareza o pouco envolvimento, passível de ser interpretado como desinteresse, dos cidadãos europeus na política.

tomar posições políticas, entre os quais se inclui Portugal, se opõem aos que revelam uma maior participação política¹⁰.

Retomando a diferença entre os sexos, não será de certo de estranhar que seja em relação a universos em relação aos quais, em praticamente todos os países, as mulheres se sentem excluídas, como é o caso das esferas de decisão política, que a sua posição de maior afastamento se faça sentir de forma mais significativa. Aliás, este é um dos sinais do *deficit* democrático das nossas sociedades, já que só a participação igualitária entre homens e mulheres na esfera do político constituirá sinal expressivo de maior igualdade de oportunidades para os dois sexos¹¹

[Figura N° 3]



3.1. Confiança institucional

A confiança nas instituições nacionais apresenta um padrão semelhante entre homens e mulheres e decresce claramente entre a Europa do norte (mais confiante) e a Europa do sul (menos confiante). Entre as quatro instituições consideradas – Parlamento nacional, Sistema jurídico, Polícia e Políticos – os maiores índices de confiança registam-se com a Polícia. A confiança nos políticos, com excepção da Dinamarca, é a que regista valores mais baixos, o que demonstra, porventura, o relativo descrédito em que mergulha a actividade política.

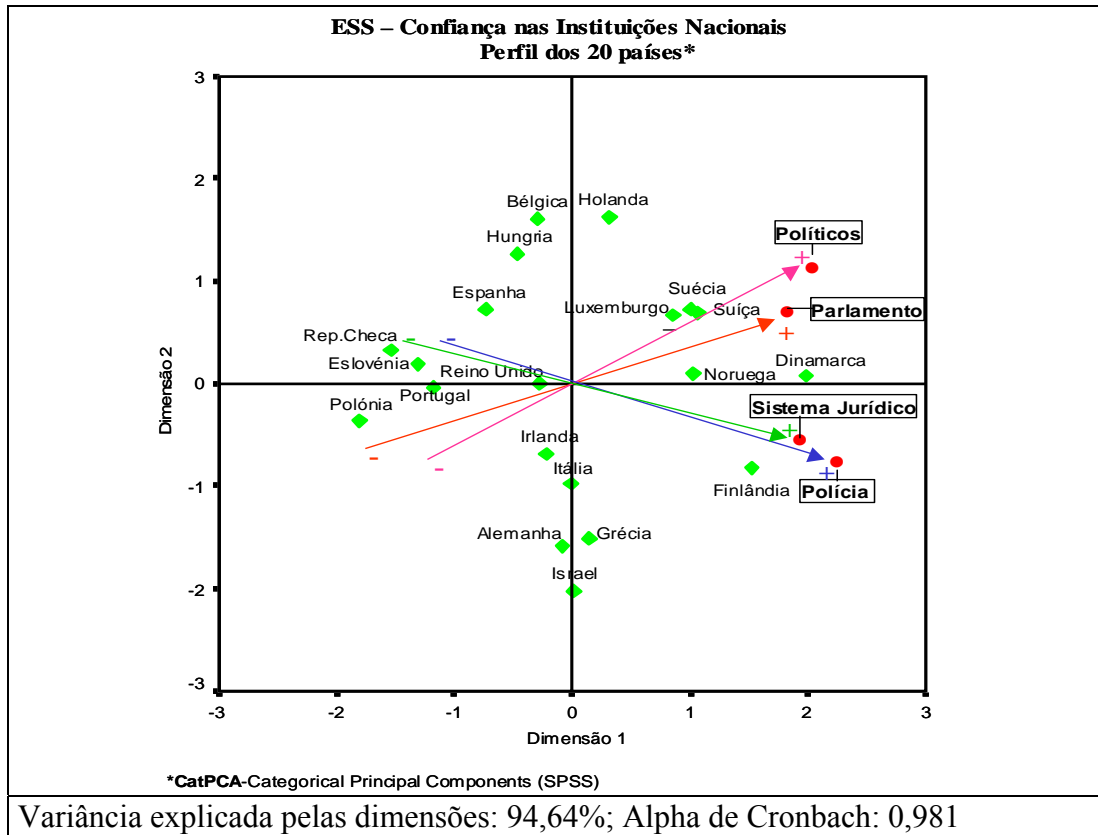
No conjunto, Portugal, a par da República Checa, Eslovénia, e Polónia, são os países que demonstram menor confiança institucional (figura 4). No entanto, se compararmos a confiança nas instituições nacionais com a confiança nas instituições internacionais, podemos observar que Portugal se

¹⁰ A correlação linear (Pearson) entre a posição política e os quatro indicadores instrumentais de comportamento político, nos 20 países, é fraca ou não significativa, indiciando, por conseguinte, que a primeira é independente dos segundos. Ou seja, a posição política não decorre da maior ou menor dificuldade dos cidadãos em lidar com a política.

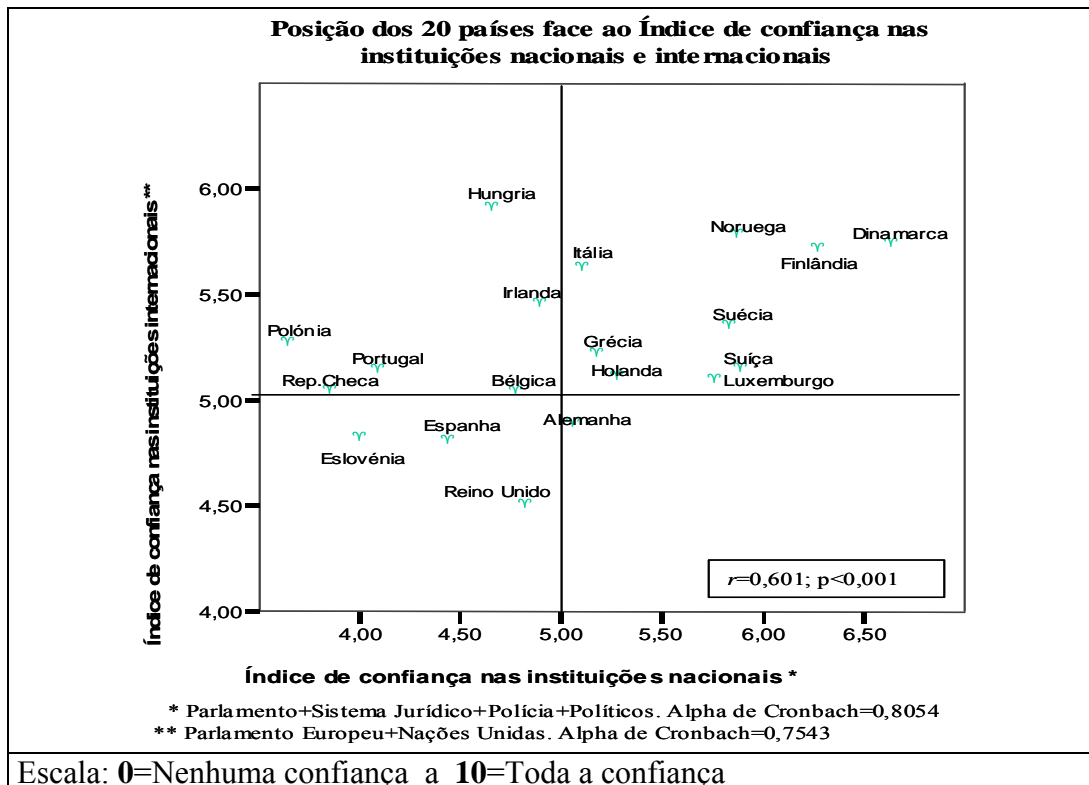
¹¹ Pippa Norris e Ronald Inglehart, “Islamic Culture and Democracy: Testing the ‘Clash of Civilizations’ Thesis” in Inglehart, Ronald (ed.) Human Values and Social Change: findings from the values Surveys, Boston, Brill, 2003.

encontra, juntamente com a República Checa e a Polónia, no conjunto de países que apresenta um índice de confiança médio nas instituições internacional e baixo nas nacionais (figura 5).

[Figura N° 4]



[Figura N° 5]

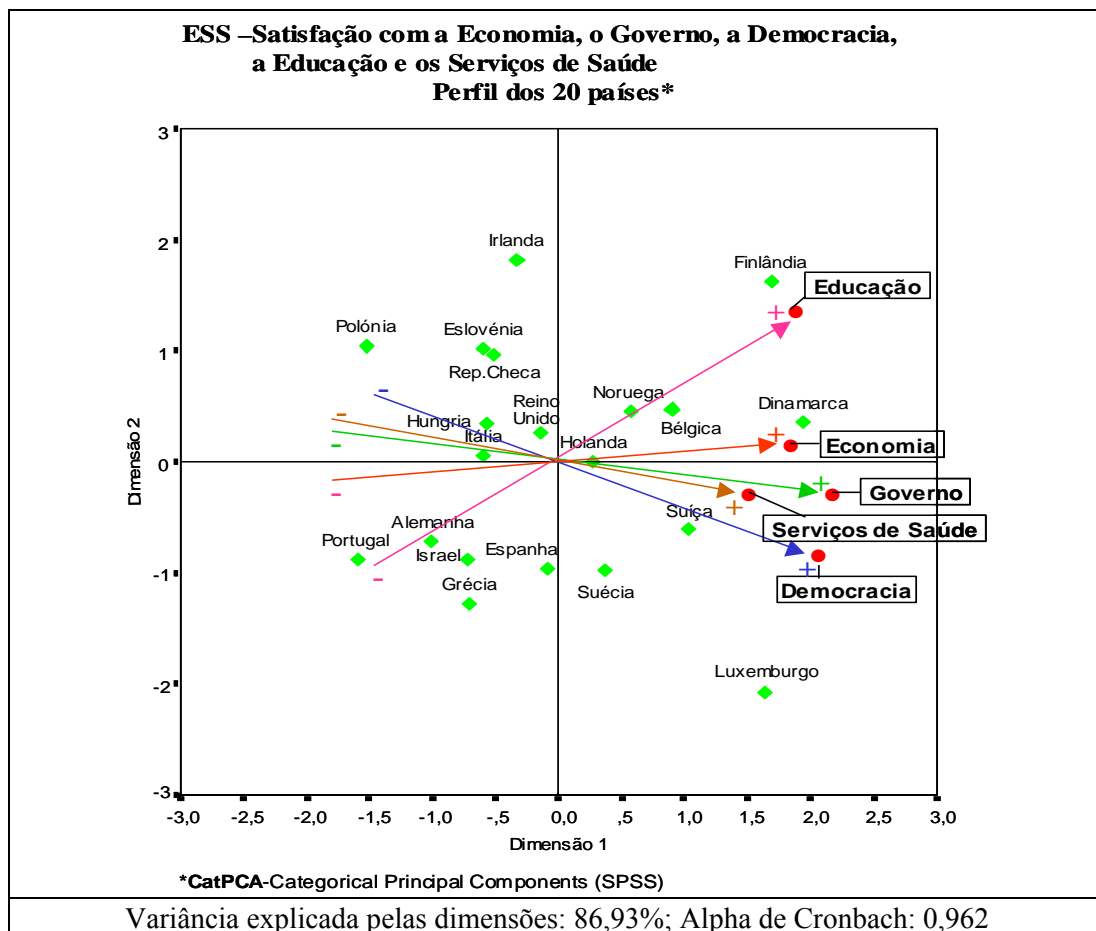


3.2 Satisfação com a política interna

No capítulo da satisfação com a política interna, mantém-se o padrão relativamente idêntico entre homens e mulheres em todos os indicadores analisados, salientando-se o seguinte:

- **Satisfação com o estado da economia:** os países do alargamento e da Europa do sul, bem como a Alemanha, estão insatisfeitos;
- **Satisfação com a forma como o Governo está a actuar:** os países do alargamento e da Europa do sul, sem excepção, bem como a Noruega, Reino Unido, a Holanda e a Alemanha, com esta última a apresentar os valores mais baixos, estão insatisfeitos;
- **Satisfação com o funcionamento da democracia:** apenas a Polónia, a Eslovénia e Portugal estão descontentes;
- **Satisfação com o estado da educação e com :** os portugueses são os mais descontentes;
- **Satisfação com os Serviços de Saúde:** Portugal é também o país mais insatisfeito, seguido da Hungria, Polónia, Irlanda a Grécia.

[Figura Nº 6]



4. Bem estar subjectivo e religião

Os europeus estão satisfeitos com a vida em geral e sentem-se felizes, não apresentando nenhum país valores inferiores ao centro da escala e não se registando diferenças entre homens e mulheres. Nota-se, contudo, um decréscimo de satisfação e felicidade da Europa do norte para a Europa do sul.

O facto de se sentirem saudáveis e seguros, embora as mulheres se afirmem “menos saudáveis”, nos países do alargamento e na Europa do sul, e se sintam mais inseguras em todos os países, não será alheio à satisfação com a vida e à felicidade dos europeus. Acrescerá ainda, certamente, para os que estão empregados, o facto de se sentirem satisfeitos com o modo como as coisas correram no trabalho, nos últimos 12 meses, não se registando neste indicador, com excepção do Reino Unido, e na Itália, diferenças estatisticamente significativas entre homens e mulheres.

O sentimento de pertença a uma religião também predomina na maioria dos países, excepção apenas para a Suécia, Holanda e República Checa. A percentagem de mulheres a firmá-lo é maior do que a de homens, revelando-se as diferenças estatisticamente significativas em nove países, dos quais três pertencem à Europa do Sul: Itália, Espanha e Portugal.

Quanto ao grau de religiosidade, nota-se que é mais acentuado no sul do que no Norte, com a Polónia e a Grécia a apresentarem os maiores índices. Destacam-se pela negativa, a Suécia e a República Checa. As mulheres diferem aqui significativamente dos homens, revelando-se mais religiosas em todos os países.

5. Atitudes face à imigração

Em todos os países, os homens e as mulheres revelam atitudes idênticas acerca da imigração. “**Querer adaptar-se ao mesmo modo de vida do país**”, “**saber falar a língua do país**” e “**ter boas qualificações académicas**”, são os atributos que a generalidade dos europeus consideram mais importantes numa política de imigração, seguindo-se, numa posição mediana, o “**ter familiares a residirem no país**”. “**Ter uma formação cristã**” apenas é importante para Israel, no que é seguido, embora com valores ligeiramente abaixo do centro da escala, por Portugal. “**Ser rico**”, apenas é importante para a Itália e Portugal, enquanto “**ser branco**” não é importante para nenhum país. Os europeus revelam-se, assim, tolerantes a políticas de emigração não discriminatórias em termos de raça, religião e condição económica. No entanto, parecem relativamente intolerantes com os que não aceitem integrar-se no seu modo de vida.

6. Valores humanos

A tipologia de valores humanos usada no ESS, que tem como base o “Inventário de Valores Humanos” proposto por Schwartz¹², contempla 21 indicadores constitutivos dos seguintes 10 tipos de valores motivacionais, que se diferenciam entre si pelas metas e interesses que perseguem:

[Tabela Nº 1]

Tipos motivacionais básicos	Metas	Tipo de interesses que serve
Hedonismo	Prazer e gratificação sensual para si mesmo	Individuais
Realização	Sucesso pessoal obtido através da demonstração de competências socialmente reconhecidas	Individuais
Poder	Status social e prestígio, controle sobre pessoas e recursos	Individuais
Autodeterminação	Independência de pensamento, acção e opção	Individuais
Estimulação	Excitação, novidade e desafio	Individuais
Conformismo	Controle de impulsos e acções que podem violar normas sociais ou prejudicar os outros	Colectivos
Tradição	Respeito, compromisso e aceitação de costumes e ideias da cultura tradicional e religiosa	Colectivos
Benevolência	Promoção do bem-estar das pessoas próximas	Colectivos
Segurança	Segurança, harmonia e estabilidade da sociedade, das relações, e de si mesmo	Mistos
Universalismo	Tolerância, compreensão e promoção do bem-estar de todos e da natureza	Mistos

Os resultados para os 18 países que incluíram esta secção nos respectivos questionários, uma vez que a Itália e o Luxemburgo não o fizeram, permite, de uma forma sintética, concluir o seguinte:

¹² SCHWARTZ, S.H. (1992), «Universals in the content and structure of values: Theoretical advances and empirical tests in 20 countries», in M. Zanna (org.), *Advances in Experimental Social Psychology* (vol. 25), Orlando, Academic, pp. 1-65.

Tipos motivacionais com scores positivos

- Todos os países valorizam a “benevolência”, o “universalismo”, a “autodeterminação” e, com excepção da Dinamarca, a “segurança”;

Tipos motivacionais com scores negativos

- Nenhum país valoriza a “estimulação”, o “poder” e, com excepção de Israel, a “realização”;

Tipos motivacionais com scores mistos

- Apenas três países, Dinamarca, Bélgica e Suíça valorizam o “hedonismo”;
- Apenas três países, Noruega, República Checa e Polónia valorizam o “conformismo”;
- Metade dos países, todos da Europa do norte ou do centro e Israel, desvalorizam a “tradição”. Valorizam-na, os países do alargamento (Hungria, República Checa, Polónia, Eslovénia) e da Europa do sul (Espanha, Portugal e Grécia).

Diferenças entre homens e mulheres

Os 10 tipos motivacionais repartem-se igualmente entre homens e mulheres.

Predominam nos **homens**:

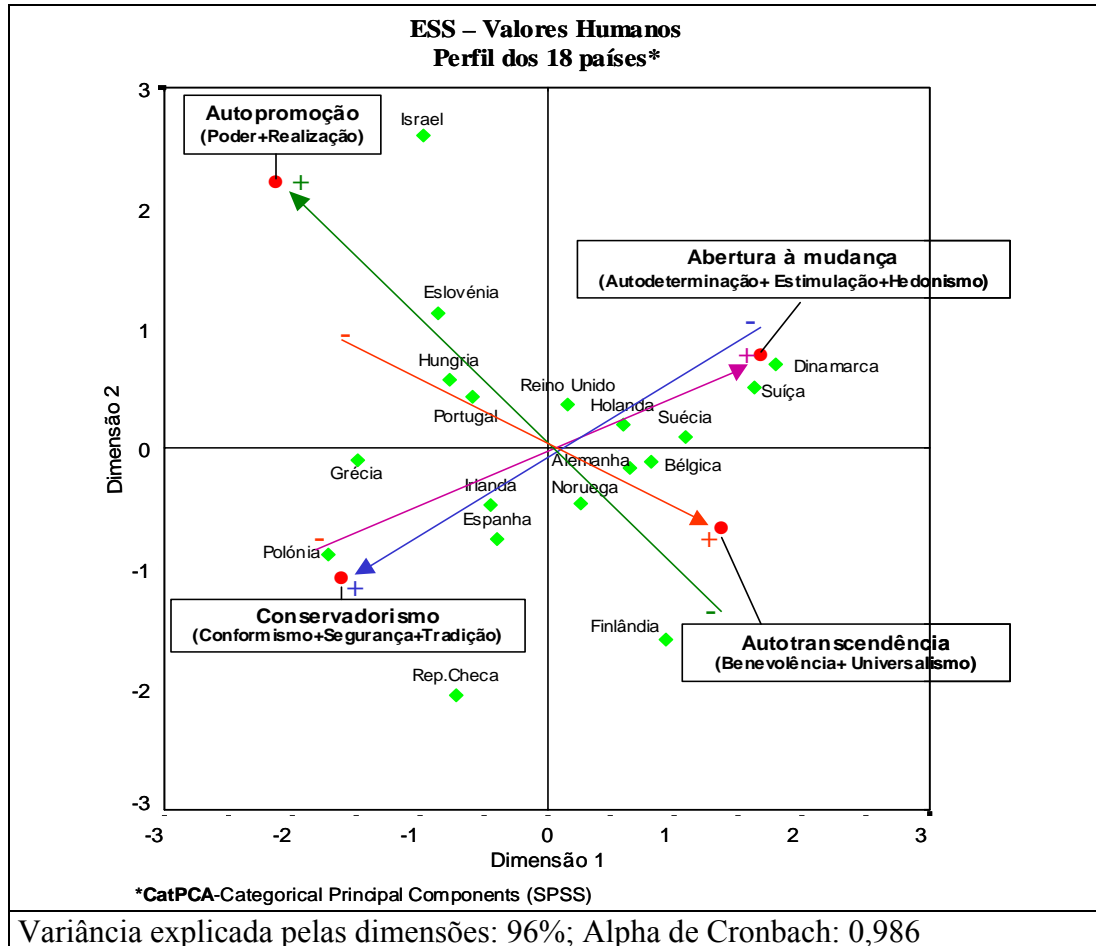
- Autodeterminação; Estimulação; Realização; Hedonismo e Poder.

e nas **mulheres**:

- Benevolência; Universalismo; Segurança; Conformismo e Tradição

O autor considera ainda que a relação entre os dez tipos motivacionais básicos é dinâmica e pode ser sumarizada em duas dimensões ortogonais: **Autopromoção** versus **Auto transcendência** e **Abertura à mudança** versus **Conservadorismo**.

[Figura Nº 7]



A análise conjunta, como se pode observar na figura 9, mostra que Portugal tende para uma maior proximidade com a autopromoção, em oposição à auto transcendência, a par de Israel, Hungria e Eslovénia,

7. Escolaridade

No conjunto dos países, Portugal apresenta a média mais baixa de anos de escolaridade completos. Esta é uma situação já amplamente debatida e apontada como uma das causas explicadoras do atraso relativo de Portugal face aos países mais desenvolvidos, nomeadamente no que se refere à produtividade da mão-de-obra. No entanto, não houve Governo desde o 25 de Abril que não tivesse apontado como um dos seus grandes objectivos, melhorar a posição de Portugal neste indicador. Assim, parece-nos pertinente saber que resultados produziu este autêntico desígnio nacional.

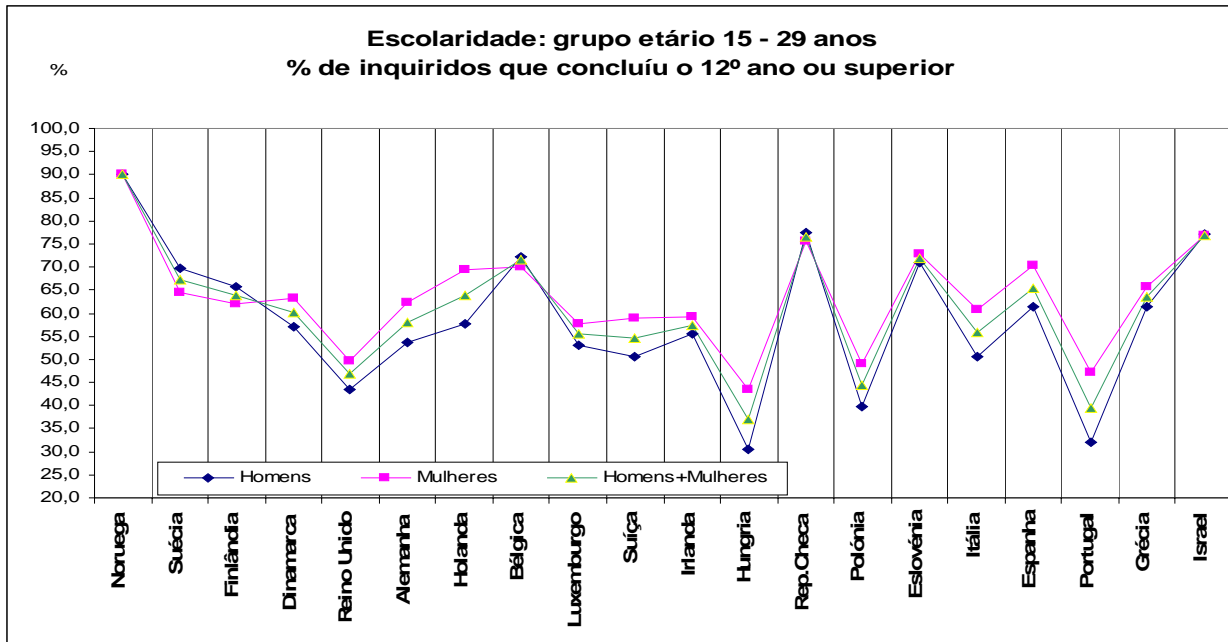
No conjunto dos 20 países, a situação é a seguinte:

[TABELA Nº 2]

Media de anos de escolaridade concluídos			
País	Média (h/m)	Homens	Mulheres
Noruega	13,00	12,97	13,03
Suécia	12,01	11,96	12,06
Finlândia	11,96	11,70	12,19
Dinamarca	13,19	13,35	13,03
Reino Unido	12,79	12,96	12,63
Alemanha	12,81	13,14	12,51
Holanda	12,88	13,29	12,54
Bélgica	12,20	12,33	12,02
Luxemburgo	12,32	12,48	12,17
Suíça	10,72	10,85	10,60
Irlanda	12,98	13,01	12,96
Hungria	11,65	12,03	11,29
Rep.Checa	12,54	12,84	12,28
Polónia	11,26	11,50	11,02
Eslovénia	11,38	11,77	11,03
Itália	10,67	11,03	10,36
Espanha	10,56	10,78	10,35
Portugal	7,39	7,74	7,09
Grécia	9,83	10,58	9,24
Israel	13,04	12,99	13,08

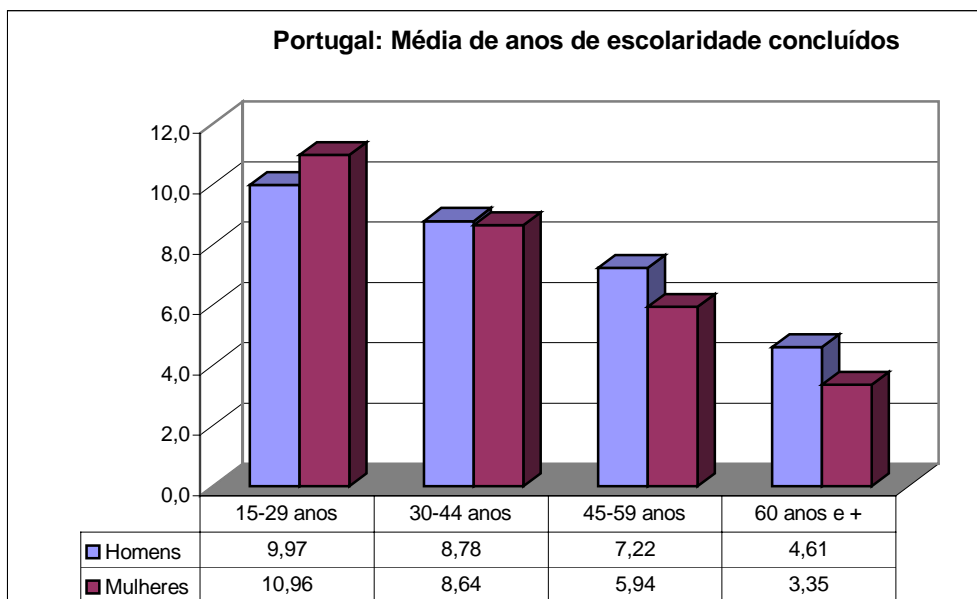
Se nos reportarmos apenas ao escalão etário dos mais novos (15-29 anos) que concluiu pelo menos o 12º ano, verificamos que Portugal não consegue descolar do fim da lista, pelo menos no que se refere aos homens. Nas mulheres, ultrapassa a Polónia e a Hungria e está ao nível do Reino Unido. Ou seja, Os resultados são, no mínimo, decepcionantes:

[Gráfico N° 3]



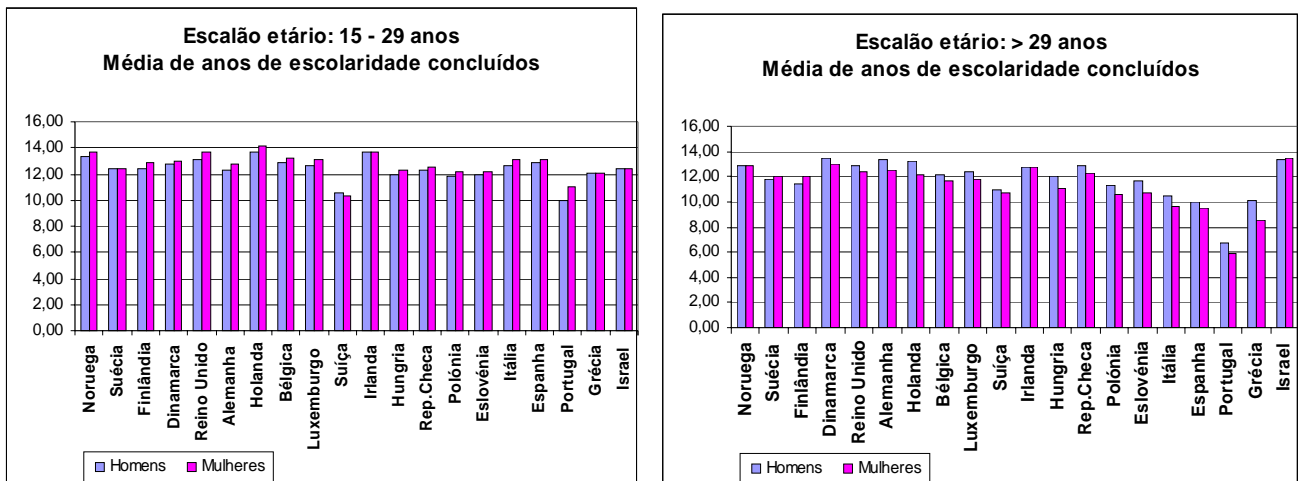
Acresce que, se observarmos mais em pormenor, podemos ver que a situação actual em Portugal, caracterizada pelo facto de as mulheres serem maioritárias nos graus de ensino mais elevados, apenas se verifica neste escalão etário, o que indicia uma alteração de padrão nos últimos 20 anos.

[Gráfico N° 4]



Convém ressaltar, no entanto, que Portugal não está sozinho nesta alteração do padrão da escolaridade, pois ela verifica-se igualmente em 15 dos 20 países em análise (gráfico 5). Daí podermos concluir que, no que se refere à escolaridade, se verifica uma diferença de género.

[GRÁFICO Nº 5]



Em conclusão, podemos afirmar que se verificaram, na análise transversal dos grandes grupos de questões do ESS, mais semelhanças do que diferenças nas atitudes de homens e de mulheres. Dois pontos nodais parecem, no entanto, constituir marcas de distinção: por um lado, as atitudes que se reportam a universos que têm funcionado, de forma sistemática, como locais de exclusão das mulheres, como é o caso da esfera política.

Por outro lado, também se encontraram diferenças significativas no domínio dos valores. As mulheres são mais universalistas e benevolentes do que os homens, mas também mais conformistas e defensoras da tradição e da segurança. Análise mais detalhada iria provavelmente mostrar-nos distinções, internamente ao subconjunto das mulheres e ao dos homens, susceptíveis de tornar estas diferenças globais menos relevantes.

Passando do plano das atitudes ao dos dados de facto, parece relevante salientar outra diferença, susceptível de efeitos futuros. Trata-se do claro protagonismo das mulheres jovens no domínio dos níveis de escolaridade mais elevados em toda a Europa. Mais universalistas e mais instruídas? Com que pretextos, e por quanto tempo, se manterão os homens nos lugares chave da decisão política na Europa?